



A cidade e as serras

Eça de Queiroz

A segunda metade do século XIX: Portugal

Para entender-se uma obra como *A cidade e as serras*, é preciso conhecer as circunstâncias históricas da época em que foi escrito e em que seu autor viveu. E para melhor entender o contexto histórico do Portugal da segunda metade do século XIX, é mister conhecer um pouco de sua história.

O reino português surgiu do Condado Portucalense, território localizado entre os rios Minho e Tejo. No ano de 1143, com o reconhecimento de Leão e Castela, estabelece-se o Reino de Portugal, sob o cetro de Afonso Henriques de Borgonha, seu primeiro rei.

Portugal manteve-se como nação independente até perder sua autonomia política para a Espanha, em 1580. Foram sessenta anos de cativo, em que o povo português se uniu em torno do mito sebastianista — a crença no retorno de D. Sebastião, que resgataria a dignidade do país — e da saudade das grandezas do passado, conquistadas além-mar — e enfeixadas em *Os lusíadas*, de Camões, transformado, nessa fase, em "Poema da Raça Portuguesa", em "Hino Nacional" da pátria lusa.

Nem mesmo com a Restauração, em 1640, e a independência e autonomia que ela significava, a nação pôde recuperar a grandeza e o brilho anteriores: Portugal havia perdido parte de seu império e as esperanças, agora, voltavam-se para o Brasil. Com a invasão das tropas napoleônicas, em 1808 a família real vem para o Brasil, e a metrópole se vê na humílima condição de "colônia da própria colônia", sob o comando de um inglês — Beresford. Essa situação dura até 1820, quando a Revolução do Porto convoca a Assembleia Constituinte e D. João VI volta ao país.

A Independência do Brasil agravaria a situação político-econômica do reino que, em 1823, vê um golpe militar reinstalar o absolutismo, dissolvendo o Parlamento e suspendendo a Constituição. Após um período de turbulências, em que o país passa pela guerra civil provocada pelos irmãos Miguel e Pedro, na briga pelo trono (1832-1834), e depois pela coroação de uma rainha de apenas 15 anos — D. Maria —, Portugal se acha empobrecido e atrasado em relação à Europa, agora já francamente engajada no processo de industrialização e economicamente próspera.

O período conhecido como Regeneração (1851-1910) traria alguma estabilidade e certo desenvolvimento. Desencadeado pelo golpe militar do marechal Saldanha, esse período implementou a adesão do país ao capitalismo, com o revezamento, no poder, de um partido político mais conservador — o Regenerador — com outros menos conservadores: o Histórico, o Reformista e o Progressista. Portugal assistiu, então, a uma certa prosperidade no meio rural, a par do enriquecimento do comércio urbano e das finanças. Essas mudanças determinaram o crescimento da burguesia rural que, enriquecida, vai para a cidade em busca do progresso e dos melhoramentos e passa a valorizar a vida cultural e a educação de seus filhos. Além da Universidade de Coimbra, a nação contava agora com as Escolas Médicas de Lisboa e Porto, o Curso Superior de Letras de Lisboa e a Escola Politécnica. Aumenta o consumo de jornais e o romance conhece um período de verdadeiro desenvolvimento, impulsionado pelo interesse desse novo público leitor.

No entanto, a crise que o país atravessa ainda é grave e, embora tenha conhecido, no período, uma certa estabilidade, vê-a definhando, em face de suas dificuldades estruturais de Economia. E contempla uma Europa renovada no plano político, social, econômico e cultural. Não apenas contempla, mas se vê invadido pelas novas conquistas do velho mundo, já que uma juventude operosa e inteligente está atenta àquilo que lhes chega — em 1864 Coimbra se liga à rede europeia de caminho-de-ferro —, principalmente, de França.

O surgimento de uma evolução tecnológica e, por decorrência, cultural, tende a esvaziar os ideais românticos que prevaleceram por quase 40 anos.

Portugal assenta-se, incomodamente, numa situação que privilegia o processo oligárquico, com tendências conservadoras, o que impede a visão de novos horizontes sócio-político-culturais.

É nesse ambiente que floresce a "Geração de 70", influenciada pelos modelos franceses buscados em autores como Balzac, Stendhal, Flaubert e Zola.

Os jovens acadêmicos portugueses absorvem as teorias emergentes, tais como o Determinismo de Taine, o Socialismo "utópico" de Proudhon, o Positivismo de Auguste Comte, além do Evolucionismo de Darwin, entre outras novidades no campo das Ciências e da Filosofia.

Nesse cenário, um acontecimento é marcante: a *Questão Coimbrã*.

A "Questão Coimbrã"

Chama-se *Questão Coimbrã* à polêmica literária que opôs os jovens revolucionários realistas de Coimbra e os defensores da tradição romântica de Lisboa.

Em Lisboa, o veterano Antônio Feliciano de Castilho escreve um posfácio à obra *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, seu discípulo das letras. Esse posfácio ataca violentamente o ideário da "Geração de 70".

Instaura-se, abertamente, a rivalidade. De Coimbra, Antero de Quental, jovem líder do grupo que se opõe a Castilho, contra-ataca com o opúsculo intitulado *Bom-Senso e Bom-Gosto*, em 1865, no qual assim se dirige ao velho Castilho:

"[...] eu hei de sempre ver uma péssima ação, digna de toda a importância dum castigo, nas impensadas e infelizes palavras de V. Exa., dignas quando muito dum sorriso de desdém e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incômodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a desonesta ação de V.Exa."

Estava deflagrada a *Questão Coimbrã*, que se tornou também conhecida como *Polêmica do Bom-Senso e Bom-Gosto* e foi responsável pela introdução do Realismo-Naturalismo em Portugal. Eça de Queirós não participou da polêmica, embora estudasse Direito em Coimbra.

O Realismo-Naturalismo

O Realismo-Naturalismo implica o distanciamento da postura subjetiva para o escritor, que se volta para a realidade exterior e não usa mais sua vida pessoal como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, e não mais pelo sujeito.

Ocorre, assim, o aprofundamento da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo e que se propõe, a partir daqui, a desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, buscando, para ambas, causas naturais ou culturais. É preciso compreender e explicar o mundo real por meio da razão e do conhecimento científico. É necessário o embasamento, o apoio de teorias que auxiliem essa explicação.

Várias foram as correntes científicas que serviram como estofos à obra de arte realista-naturalista. Entre elas, cabe destacar:

- o **Determinismo de Taine**, segundo o qual o Homem — e seu comportamento e, portanto, a Arte — está condicionado a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico);
 - o **Positivismo de Auguste Comte**, que defende a existência da razão e da ciência como fundamentais para a vida humana, pregando uma atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade;
-

- o **Criticismo e o Anticlericalismo de Renan**, que prega uma revisão do papel histórico da igreja católica, apontando-a como "mistificadora da verdadeira fé";
- o **Socialismo "utópico" de Proudhon**, que propõe a organização de pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, calcado em ideias antiburguesas e anti-religiosas;
- o **Evolucionismo de Darwin**, que concebia o mundo como um processo de crescimento e de evolução e cuja repercussão provocou enorme revolução em outras ciências, inclusive as sociais.

Esse conjunto de ideias acabou por caracterizar a chamada "geração do materialista ou cientificista", assim designada pela semelhança entre as atitudes dos autores e dos cientistas.

O escritor, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o homem — aqui, a personagem — como um "caso" que deve ser analisado à luz da ciência. A intensificação radical da abordagem científica na obra de arte acabaria por conduzir ao Naturalismo, que considera o homem como uma máquina dirigida por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, dirigindo seu interesse, principalmente, para temas da patologia humana e social.

As características comuns ao Realismo e ao Naturalismo podem ser assim esquematizadas:

- objetividade: exame da realidade exterior ao indivíduo, realidade captada pelo artista sem o intermédio da imaginação e do sentimentalismo;
- racionalismo: a inteligência é entendida como único meio para a compreensão da realidade objetiva;
- universalismo, impessoalismo: busca da verdade universal, impessoal, captada pelos sentidos e pela inteligência, e só aceita quando passível de ser testada, examinada, experimentada;
- arte compromissada, engajada: crítica, análise e denúncia da sociedade; preocupação e compromisso com a transformação social;
- contemporaneísmo: arte voltada para o seu próprio tempo, para os problemas de sua época;
- antiburguesismo, anticlericalismo, antitradicionalismo, antimonarquismo;
- preocupação formal: busca de clareza, de equilíbrio, de concisão no estilo, enxuto e limpo;
- lentidão da narrativa: descrições minuciosas, morosas, pormenorizadas das personagens, o que coloca o plano da ação e da narrativa em segundo lugar;
- linguagem predominantemente denotativa, com privilégio da metonímia em detrimento da metáfora;
- exaltação sensorial, linguagem sinestésica: só é verdadeiro o que pode ser captado sensorialmente.

Embora fossem contemporâneos e muitas vezes se tenham "interpenetrado", o Realismo e o Naturalismo apresentaram diferenças no enfoque dado ao tratamento dos assuntos e características próprias. No Realismo, observa-se a "humanização" das personagens, agora "de carne e osso" e não mais divididas entre heróis incríveis e terríveis vilões. Entre outros, destacam-se os seguintes traços:

- psicologismo: análise psicológica das personagens, esféricas, dinâmicas;
- "humanização" das personagens: a mulher, geralmente adúltera e pecaminosa; o homem, fraco e covarde;

- enfoque da burguesia como classe social;
- fotografia objetiva da realidade;
- romance de "interpretação aberta", deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

Já o Naturalismo promove, muitas vezes, a "zoomorfização" das personagens, degradadas à categoria de animais sem drama moral, movidos por instinto. Vale destacar as características a seguir:

- abordagem científica da sociedade e dos atos humanos, com o privilégio dos aspectos doentios, patológicos, defeituosos e o afastamento do psicologismo e da profundidade realistas, a fim de examinar o plano científico e biológico;
- personagens degradadas, párias da sociedade, vistas como "produto da raça e do meio", não raro sublevadas à categoria animal, agindo por instinto, num processo conhecido como *zoomorfização* das personagens, através de comparações entre o homem e o animal;
- exame das classes inferiores, do proletariado, dos marginalizados;
- enfoque dos aspectos torpes e degradantes da realidade;
- romance de tese, experimental, calcado na experimentação científica, com preocupação social e política.

Na obra de Eça de Queirós, encontram-se elementos e características tanto da estética realista, quanto da naturalista; essa é a razão por que a crítica aplica, a ele, a denominação realista-naturalista. Cabe, no entanto, lembrar que o próprio Eça nunca fez diferenciação entre as duas denominações, empregando-as indistintamente.

Eça de Queirós: um salto qualitativo na prosa portuguesa

José Maria Eça de Queirós nasceu em Póvoa do Varzim, em 1845. Faleceu em Paris, no ano de 1900.

Viveu os anos de sua formação distante dos pais, que só se casaram quatro anos depois de seu nascimento, tendo deixado o filho, primeiramente, aos cuidados da ama que o recebera no mundo e, depois, com os avós paternos. Embora nunca se tenha pronunciado a respeito das circunstâncias de seu nascimento ilegítimo e do afastamento dos pais — com quem só moraria depois de formado, e por algum tempo —, alguns biógrafos supõem estarem essas entre as possíveis explicações para a constante crítica à hipocrisia e às convenções sociais que se podem observar em sua obra.

Estudou Direito em Coimbra e participou ativamente do processo de implantação do Realismo em Portugal, mesmo não tomando parte na Questão Coimbrã: integrou o *Grupo do Cenáculo*, liderado por Antero de Quental, e, durante as *Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, proferiu a conferência "A Literatura Nova ou O Realismo como Nova Expressão da Arte". Foi, também, o autor do primeiro romance realista português, *O crime do padre Amaro*, de 1875.

Formado em 1866, aos 21 anos, Eça muda-se para a casa dos pais, disposto a iniciar a carreira literária e também a de advogado. Um ano depois, segue para Évora e lá dirige um jornal político. Em 1869, assiste à inauguração do canal de Suez e viaja pelo Oriente. Retorna a Portugal e passa um curto período em Leiria como administrador. Entra no serviço diplomático através de concurso e serve, sucessivamente, em Cuba, na Inglaterra e, a partir de 1887, em Paris, o centro da intelectualidade da época. Só foi reconhecido como filho legítimo aos 40 anos, pouco antes de casar-se, aos 41, com Emília de Castro Pamplona.

Um dos maiores prosadores da língua portuguesa, Eça de Queirós cultivou o romance, o conto, o jornalismo, a literatura de viagem e a hagiografia, tendo-se realizado notavelmente nos dois primeiros gêneros.

Dedicou-se com afinco à arte da palavra, sempre e obsessivamente em busca de uma perfeição que o içaria à condição de um dos maiores estilos da língua. Sobre a arte afirmou, em 1886:

"A Arte oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida — que é ser não apagada de todo pela morte.

A Arte é tudo porque só ela tem a duração — e tudo o resto é nada!"

O estilo de Eça de Queirós é marcado pela naturalidade, pela fluência e precisão, pela oralidade antideclamatória e por uma ironia sutil, o que faz resultar a criação de uma nova linguagem literária, inusitada e vigorosa. Ao longo da evolução de sua obra, evidenciam-se três fases.

A primeira é a fase de iniciação literária, em que se observam ainda resíduos do Romantismo, como o clima fantasioso e a linguagem lírica, doce, suave. Pertencem a ela o romance *O Mistério da Estrada de Sintra*, escrito em colaboração com Ramalho Ortigão e *Prosas bárbaras*. Nota-se nesse período a forte influência do romântico francês Victor Hugo.

A segunda fase apresenta os três "romances de tese" de Eça: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias*. É a fase da crítica social e da adesão às ideias realistas, em que o autor, comprometido com a realidade do seu tempo, propõe-se a uma arte transformadora da sociedade, engajada no combate às instituições da época, como a burguesia, a monarquia, o clero, numa postura iconoclasta e irreverente.

Nesta fase, Eça se propõe, conforme revela em carta a Teófilo Braga, a

"[...] pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830, e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam — eles e elas."

Na mesma carta, afirma que personagens como Luísa, a protagonista de *O primo Basílio*, e as outras, que formam as bases falsas da sociedade,

"[...] são bem bonita causa de anarquia no meio da transformação moderna; merecem partilhar com o Padre Amaro da bengalada do homem de bem."

Obras como *A relíquia* e *O mandarim* — que a maior parte da crítica vê como uma transição para a terceira fase — completariam essa visão pretendida pelo autor: nelas, o fanatismo religioso, a mistificação da fé e o desejo por subir na vida pelo enriquecimento fácil, a cobiça incontrolável, são o ponto de partida para o desmascaramento das falsas verdades que subjazem nas instituições sociais.

A terceira fase corresponde à maturidade intelectual de Eça e apresenta obras de caráter construtivo, permitindo evidenciar-se uma concepção de vida mais ampla e humanitária; trata-se de um período otimista, de esperança, marcado pelo idealismo espiritualista e pelo culto dos valores da alma e da fé. São obras representativas desta fase *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*. Além das citadas, vale lembrar, ainda, as seguintes obras de Eça de Queirós:

- romance: *A capital*; *A correspondência de Fradique Mendes*, *O Conde de Abranhos*, *Alves e Cia*.
- conto: *Contos* destaque para os contos: "Civilização"; "Suave Milagre"; "O Defunto"; "José Matias"; "Perfeição"; "Singularidades de uma Rapariga Loura".

O enredo de *A cidade e as serras*: de volta ao lar

A valorização da vida pura e rústica do campo, o convívio com pessoas simples, num lugar ainda não contaminado pelas instituições e regulamentos da chamada civilização, o apego à terra e suas origens, em contraposição ao luxo, à hipocrisia da vida social urbana marcam a tônica da narrativa de *A cidade e as serras*.

O discurso em primeira pessoa é levado por José Fernandes, personagem secundária, que, por sua vez, é amigo do protagonista, Jacinto de Tormes, cuja história remonta aos seus antepassados, portanto, a uma época anterior ao seu nascimento.

Jacinto, que herdara os bens da família, detentora de grande riqueza, representada por terras, produção de vinho, cortiça e oliveiras em Portugal, desde o reinado de D. Dinis, mora no casarão 202 dos Campos Elísios, em Paris.

Seu avô — também chamado Jacinto —, fidalgo "gordíssimo e riquíssimo", tornara-se miguelista desde que o então infante D. Miguel, filho de D. João VI e herdeiro do trono, o socorrera numa queda na rua.

Quando aclamado rei, em 1828, D. Miguel restabelecera o regime absolutista em Portugal, mas deixara o poder e fora para o exílio quando seu irmão D. Pedro, de volta do Brasil e apoiado pelos liberais, venceu-o, após a guerra civil de 1832-1834. Desiludido, Jacinto, que era chamado de D. Galião, exilou-se voluntariamente em Paris, no palacete 202, e lá morreria por causa de uma indigestão.

Embora os amigos pensassem que D. Angelina Fafes, mulher de Jacinto Galião, voltaria para Portugal, após a morte do marido,

“[...] a boa senhora temia a jornada, os mares, as caleças que racham. E não se queria separar do seu confessor, nem do seu médico, que tão bem lhe compreendiam os escrúpulos e a asma:

— Eu, por mim, fico no 202 [...]”

Assim, é em Paris que a avó de Jacinto cria seu filho, o frágil e debilitado Cintinho, chamado pelos criados, de “Sombra”, dadas todas as doenças de que padecia. Cintinho casou-se com Teresinha Velho, filha do desembargador Nunes Velho, amigo da família, e morreu logo depois do casamento, três meses antes de o filho — Jacinto, o protagonista do romance — nascer.

Ao contrário do pai, Jacinto cresceu saudável, inteligente e sagaz. Sua vivacidade e inteligência, além da privilegiada aparência, auriram-lhe, entre os amigos, o apelido de “Príncipe da Grã-Ventura”:

“Desde o berço, onde a avó espalhava funcho e âmbar para afugentar a sorte-ruim, Jacinto medrou com a segurança, a rijeza, a seiva rica dum pinheiro das dunas.”

Jacinto tornou-se um jovem brilhante, bonito, sempre elegante e impecavelmente vestido, bem cuidado e feliz. Conhecera o narrador, o português José Fernandes, nos tempos de faculdade, quando, positivista convicto, defendia em seu círculo de amigos suas ideias a respeito de felicidade e civilização:

“Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e nos acamaradamos em Paris, nas Escolas do Bairro Latino — para onde me mandara meu bom tio Afonso Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do dr. pais Pita. Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este príncipe concebera a ideia de que ‘o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado’. E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Terâmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher dentro duma sociedade e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e de Poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo bocks poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Sain-Michel.

Esse conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, [...]. Um desses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

$$\begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \quad \times \quad \quad \quad \acute{y} = \text{Suma felicidade} \\ \text{Suma potência} \end{array}$$

E durante dias, do Odeon à Sorbona, foi louvada pela mocidade positiva a Equação Metafísica de Jacinto.

Para Jacinto, porém, o seu conceito não era meramente metafísico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa: — mas constituía uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinado a conduta, modalizando a vida.”

Jacinto considerava o progresso condição fundamental para a obtenção da felicidade. Para ele, ser civilizado era morar em uma grande cidade, usar o fonógrafo e o telefone, cercar-se do conforto que a ciência trazia para o homem, como explicara certa noite “de mole e dormente calor” ao narrador:

“— Aqui tens tu, José Fernandes (começou Jacinto, encostado à janela do mirante), a teoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre natureza, lestos e são, nós podemos apenas distinguir além, através da Avenida, naquela loja, uma vidraça alumiada. Mais nada!

Se eu porém aos meus olhos juntar os dois vidros simples de um binóculo de corridas, percebo, por trás da vidraça, presuntos, queijos, boiões de geleia e caixas de ameixa seca. Concluo portanto que é uma mercearia. Obtive uma noção: tenho sobre ti, que com os olhos desarmados vês só o luzir da vidraça, uma vantagem positiva. Se agora, era vez destes vidros simples, eu usasse os do meu telescópio, de composição mais científica, poderia avistar além, no planeta Marte, os mares, as neves, os canais, o recorte dos golfos, toda a geografia de um astro que circula a milhares de léguas dos Campos Elísios. E outra noção, e tremenda! Tens aqui pois o olho primitivo, o da natureza, elevado pela Civilização a sua máxima potência da visão. E desde já, pelo lado do olho portanto, eu, civilizado, sou mais feliz que o incivilizado, porque descubro realidades do universo que ele não suspeita e de que está privado. Aplica esta prova a todos os órgãos e compreende o meu princípio. Enquanto à inteligência, e à felicidade que dela se tira pela incansável acumulação das noções, só te peço que compares Renan e o Grilo... Claro é portanto que nos devemos cercar de Civilização nas máximas proporções para gozar nas máximas proporções a vantagem de viver. Agora concordas, Zé Fernandes?"

Os dois amigos se separam: em fevereiro de 1880, "numa cinzenta e arrepiada manhã de chuva" José Fernandes recebera uma carta do tio chamando-o a Guiães e fica na província por sete anos. Ao voltar, reencontra Jacinto, no 202, ainda mais cercado de parafernálias modernas, entre elas, um elevador que ligava os dois andares da mansão e incontáveis máquinas mecânicas no gabinete de trabalho de seu "Príncipe". A biblioteca, para seu espanto, contava, agora, com mais de trinta mil volumes sobre todas as áreas do conhecimento. Também o amigo mudara:

"Reparei então que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afilara mais entre duas rugas muito fundas, como as dum comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava."

Até o ambiente do jantar se caracterizava, agora, pelo cuidado com a sofisticação:

"E, através da biblioteca, penetramos na sala de jantar — que me encantou pelo seu luxo sereno e fresco. Uma madeira branca, lacada, mais lustrosa e macia que cetim, revestia as paredes [...] e damascos amarelos estofavam também as cadeiras, brancas, muito amplas, feitas para a lentidão de gulas delicadas, de gulas intelectuais."

A arrumação da mesa, a disposição dos talheres e da louça, tudo se marcava por um "luxo redundante", principalmente a espantosa variedade de águas, necessárias, segundo Jacinto, por causa da contaminação das águas da cidade. Mas ele mesmo pouco comeu:

"Sim... Eu nunca tenho apetite, já há tempo... Já há anos."

Jacinto convida Zé Fernandes para hospedar-se no 202 e ele aceita:

"Agora, [...] na convivência de um tão grande iniciado como Jacinto, eu compreenderia todas as finuras e todos os poderes da civilização.

E (melhor ainda para a minha ternura!) contemplaria a raridade dum homem que, concebendo uma ideia da Vida, a realiza — e através dela e por ela recolhe a felicidade perfeita."

Convivendo com o amigo na mansão, Zé Fernandes pode observá-lo cuidadosamente e até com maior atenção: aos poucos, percebe que seu "Príncipe" já se cansava de suas atividades e que se sentia enfadado com tantos afazeres sociais, como se a futilidade de sua vida e das pessoas que o rodeavam o entediavam cada vez mais. Seu desencanto, seu desânimo acentuavam-se, piorando devido a algumas ocorrências desagradáveis em seu palacete, como o rompimento de canos na sala de banho e o conseqüente alagamento dos aposentos próximos, e o emperramento do elevador de pratos durante um jantar especial para o Grão-Duque.

Jacinto reforma todo o casarão:

"[...] E nessas semanas de abril, enquanto as rosas desabrochavam, a nossa agitada casa, entre aquelas quietas casas dos Campos Elísios que preguiçavam ao sol, incessantemente tremeu, envolta num pó de calça e de empreitada, com o bruto picar de pedra, o retinente martelar de ferro. [...]"

Enquanto o 202 sofre uma reforma completa, para que Jacinto possa superar "tantos desastres humilhantes", o narrador tem sua atenção desviada para um ardente caso de amor com "uma criatura seca, muito morena, quase tisonada, com dois fundos olhos taciturnos e tristes": apaixona-se e ama-a "com Amor, com todos os Amores que estão no Amor, o Amor divino, o Amor humano, o Amor bestial". E confessa que

"[...] Durante sete furiosas semanas perdi a consciência da minha personalidade de Zé Fernandes — Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães! [...] Do sólido, decoroso Zé Fernandes, só restava uma carcaça errando através dum sonho, com as gâmbias moles e a barba a escorrer."

Mas o caso de amor acabou: a amada parte "para outra terra com outra porca", segundo lhe informa a porteira do prédio onde ela morava. Depois de uma grande bebedeira, Zé Fernandes volta para o 202, completamente ébrio e fora de si.

No dia seguinte, estava refeito:

“Então, curado, todo o meu espírito, como uma agulha para o Norte, se virou logo para o meu complicado Príncipe, que, nas derradeiras semanas da minha infecção sentimental, eu entrevira sempre descaído por cima de sofás, ou vagueando através da Biblioteca entre os seus trinta mil volumes, com arrastados bocejos de inércia e de vacuidade. [...]”

Vai, então, vitorioso, dar conta a Jacinto de seu sentimento de liberdade, mas percebe-o dominado, como sempre, pelo tédio:

“Claramente percebia eu que o meu Jacinto atravessava urna densa névoa de tédio, tão densa, e ele tão afundado na sua mole densidade, que as glórias ou os tormentos de um camarada não o comoviam, como muito remotas, intangíveis, separadas da sua sensibilidade por imensas camadas de algodão. Pobre Príncipe da Grã-Ventura, tombado para o sofá de inércia, com os pés no regaço do pedicuro! Em que lodoso fastio caíra, depois de renovar tão bravamente todo o recheio mecânico e erudito do 202, na sua luta contra a Força e a Matéria! — E esse fastio não o escondeu mais do seu Zé Fernandes, quando recomeçou entre nós a comunhão de vida e de alma a que eu tão torpemente me arrancara, uma tarde, diante da Estação dos Ônibus, no charco da Madalena!”

O desinteresse do amigo pela vida, seu tédio constante preocupam Zé Fernandes, que pergunta ao fiel criado Grilo o que está acontecendo com Jacinto. Para seu espanto, Grilo responde-lhe que o patrão estava sofrendo “de fartura”.

“Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris: — e na Cidade, na simbólica Cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado) o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a ‘delícia de viver’, ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esforço de uma corrida curta numa tipoia fácil. Pobre Jacinto! Um jornal velho, setenta vezes relido desde a crônica até aos anúncios, com a tinta delida, as dobras roídas, não enfastiara mais o Solitário, que só possuísse na sua solidão esse alimento intelectual, do que o parisianismo enfastiava o meu doce camarada! Se eu nesse verão capciosamente o arrastava a um café-concerto, ou ao festivo Pavilhão de Armenonville, o meu bom Jacinto, colado pesadamente à cadeira, com um maravilhoso ramo de orquídeas na casara, as finas mãos abatidas sobre o castão da bengala, conservava toda a noite uma gravidade tão estafada, que eu, compadecido, me erguia, o libertava, gozando a sua pressa em abalar, a sua fuga de ave solta... Raramente (e então com veemente arranque como quem salta um fosso) descia a um dos seus clubes, ao fundo dos Campos Elísios. Não se ocupara mais das suas sociedades e companhias, nem dos telefones de Constantinopla, nem das religiões esotéricas, nem do bazar espiritualista, cujas cartas fechadas se amontoavam sobre a mesa de ébano, de onde o Grilo as varria tristemente como o lixo de uma vida finda. Também lentamente despegava de todas as suas conveniências. As páginas da agenda cor-de-rosa murcha andavam desafogadas e brancas. E se ainda cedia a um passeio de Mail-coach, ou a um convite para algum castelo amigo dos arredores de Paris, era tão arrastadamente, com um esforço tão saturado ao enfiar o paletó leve, que me lembrava sempre um homem, depois de um gordo jantar de província, a estalar, que, por polidez ou em obediência a um dogma, devesse ainda comer uma lampreia de ovos!”

Um dia, estavam os dois camaradas subindo a Basílica do Sacré-Coeur, em construção no alto de Montmartre, e encostaram-se à borda do terraço. De lá, viam Paris no meio de uma nuvem cinzenta e fria, o que lhes provocou sérias reflexões: a cidade parecia, agora, apenas uma ilusão, ela que era tão repleta de vida, de ouro, de riquezas, de cultura e sofisticacões...

“[...] Certamente, meu Príncipe, uma ilusão! E a mais amarga, porque o homem pensa ter na cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. Vê, Jacinto! Na Cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trêmulos como arames, com cangalhas, com chinóss, com dentaduras de chumbo sem sangue, sem febra, sem viço, torto, corcunda — esse ser em que Deus, espantado, mal pôde reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão! Na Cidade findou a sua liberdade moral; cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência: pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; rico e superior como um Jacinto, a sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, prazer, ritos, serviços mais disciplinares que os dum cárcere ou de um quartel... A sua tranquilidade [...] onde está, meu Jacinto? Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugidia rodela de ouro! Alegria como a haverá na Cidade para esses milhões de seres que tumultuam na arrojante ocupação de desejar — e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desilusão, desesperança ou derrota? Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na cidade se desumanizam! Vê, meu Jacinto! São como luzes que o áspero vento do viver social não deixa arder caiu serenidade e limpidez; e aqui abala e faz tremer; e além brutalmente apaga; e adiante obriga a flamejar com desnaturada violência. As amizades nunca passam

de alianças que o interesse, na hora inquieta da defesa ou na hora sôfrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho. E o amor, na Cidade, meu gentil Jacinto? Considera esses vastos armazéns com espelhos; onde a nobre carne de Eva se vende, tarifada ao arrátel, como a de vaca! [...] Mas o que a Cidade mais deteriora no homem é a Inteligência, porque ou lha arregimenta dentro da banalidade ou lha empurra para a extravagância Nesta densa e pairante camada de Ideias e Fórmulas que constitui a atmosfera mental das cidades, o homem que a respira, nela envolto, só pensa todos os pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas; ou então, para se destacar na pardacenta e chata rotina e trepar ao frágil andaime da gloriola, inventa numa gerente esforço, inchando o crânio, uma novidade disforme que espante e que detenha a multidão como um monstrengo numa feira. [...]"

E o narrador continua falando, tecendo ideias e filosofias sobre a vida na cidade, sobre as injustiças sociais, a respeito da exploração e humilhações que sofriam os pequenos por parte dos poderosos. Segundo seus pensamentos, seria preciso um novo Messias que ensinasse novamente a humildade e a mansidão às pessoas:

"[...] E se ao menos essa ilusão da Cidade tornasse feliz a totalidade dos seres que a mantêm... Mas não! Só uma estreita e reluzente casta goza na Cidade os gozos especiais que ela cria, O resto, a escura, imensa plebe, só nela sofre, e com sofrimentos especiais, que só nela existem! [...] Aí jaz, espalhada pela Cidade, como esterco vil que fecunda a Cidade. [...] Mas quê, meu Jacinto! A tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o capital der ao trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! A sua esfalfada miséria é a condição do esplendor sereno da Cidade. [...]"

As palavras de Zé Fernandes pareciam ter tido efeito sobre Jacinto. Depois de responder, desolado, que eles haviam comido de morangos "gelados em Champagne e avivados dum fio de éter", talvez por pura ilusão,

"Pensativamente deixou a borda do terraço, corno se a presença da Cidade, estendida na planície, fosse escandalosa. E caminhamos devagar, sob a moleza cinzenta da tarde, filosofando — considerando que para esta iniquidade não havia cura humana, trazida pelo esforço humano. Ah, os Efrains, os Trèves, os vorazes e sombrios tubarões do mar humano, só abandonarão ou afrouxarão a exploração das plebes, se urna influência celeste, por milagre novo, mais alto que os milagres velhos, lhes converter as almas! O burguês triunfa, muito forte, todo endurecido no pecado — e contra ele são impotentes os prantos dos humanitários, os raciocínios dos lógicos, as bombas dos anarquistas. Para amolecer tão duro granito só uma doçura divina. Eis pois a esperança da Terra novamente posta num Messias!... [...]"

Zé Fernandes parte para uma corrida viagem pelas cidades da Europa; cansa-se de fazer e refazer as malas, visitar museus e pontos de atração, e é com alívio que retorna ao 202. Encontra o amigo ainda mais entediado.

O pessimismo de Jacinto aumenta a passos largos e, em pouco tempo, absorve-o a leitura do filósofo Schopenhauer — pessimista convicto — e do *Eclesiastes*, livro da *Bíblia Sagrada* que também se caracteriza pelo tom pessimista. Encontrando nessa leitura um respaldo para suas opiniões, entrou a maldizer a vida. Nada havia que lhe despertasse a atenção e lhe recobrasse o ânimo, nem mesmo "o dia dos seus anos, a 10 de janeiro":

"— Então há trinta e quatro anos que eu ando nesta maçada?"

De repente, uma manhã, para espanto de Zé Fernandes, Jacinto comunica-lhe que irá a Tormes, uma de suas propriedades em Portugal: recebera carta de seu procurador, Silvério, avisando-o do término da reforma que mandara fazer. A capela nova estava pronta, e "os venerandos restos dos excelsos avós" dele estavam à espera de suas ordens para serem trasladados da igreja para lá.

Por "um escrúpulo de decência, de elegância moral", Jacinto acha que deve ir pessoalmente fazer o traslado dos restos de seu avô Galião:

"— Pois não te parece, Zé Fernandes? Não é por causa dos outros avós, que são ossos vagos, e que eu não conheci. É por causa do avô Galião. ... Também não o conheci. Mas este 202 está cheio dele; tu estás deitado na cama dele; eu ainda uso o relógio dele. [...]"

Prepara-se a viagem: várias providências têm que ser tomadas, pois "a casa de Tormes está inabitável", segundo informa-lhe o narrador. Providencia-se, então, uma verdadeira mudança para lá, no intento de levar para a serra um pouco da civilização sem a qual Jacinto não pode viver. Paralelamente, ele sentia voltar seu amor por Paris, pela cidade grande.

Zé Fernandes, é claro, acompanha o amigo a Portugal; estava feliz por voltar á pátria. Mas Jacinto, como sempre, mostrava-se entediado e farto, aborrecido. Em Medina, na Espanha, as malas vão parar em vagão errado no momento da baldeação, e isso o aborrece ainda mais. Para tranquilizá-lo, Zé Fernandes diz que não se preocupe, pois a Companhia cuidará de tudo.

Resta aos dois ficar os dois só com a roupa do corpo, e é assim que chegam a Tormes:

“Sacudi violentamente Jacinto:

— Acorda, homem, que estás na tua terra!

[...]

— Então é Portugal, hem? Cheira bem!

— Está claro que cheira bem, animal!”

Desembarcam e Zé Fernandes reencontra Pimenta, seu velho amigo e chefe da estação. Apresenta-lhe Jacinto como o senhor de Tormês e pergunta-lhe por Silvério: qual não é a surpresa (má) do dois viajantes ao constatarem que o procurador não os esperava, pois tinha partido dois meses antes para o Castelo de Vide.

Procuram pelos criados, Grilo e Anatole, e outra surpresa desagradável: nem os dois, nem as vinte e três malas que traziam se encontravam no vagão em que deviam estar. O trem parte, e os dois amigos ficam na estação, completamente desprevenidos, sem uma troca de roupa sequer.

Também não havia cavalos para que eles seguissem viagem até a propriedade, pois o caseiro, Melchior, não os esperava a não ser para o mês seguinte. Pimenta, o amigo de Zé Fernandes, providenciou uma égua e um burro e os dois amigos viajaram serra acima, cercados pela bela paisagem que até os fazia esquecer, por momentos, os “desastres da viagem”.

Ao chegar à casa de Tormes, a última decepção: as caixas com todo o material de reforma, que haviam sido despachadas de Paris quatro meses antes não tinham chegado: o pobre “Príncipe” de José Fernandes, o homem da civilização e da cidade encontrava-se totalmente desprevenido e desguarnecido do conforto de que tanta questão fazia.

“Ninguém esperava S. Ex^a!” é a frase que Jacinto ouve do caseiro Melchior. Por isso, a casa não estava pronta para recebê-los, os telhados ainda não tinham telhas, nem as vidraças, vidros. O narrador sugere ao amigo que os dois fiquem ali mesmo aquele dia e, no dia seguinte, se hospedem em Guiães, na casa de sua tia Vicência. Asperamente, Jacinto responde que vai, sim, mas para Lisboa.

O pobre Melchior providenciou uma refeição humilde, totalmente diferente dos jantares sofisticados a que Jacinto estava acostumado, mas a comida acabou por deliciá-lo, a ele, que pensara, num primeiro momento, que a acharia insuportável:

“[...] Jacinto ocupou a sede ancestral — e durante momentos (de esgazeada ansiedade para o caseiro excelente) esfregou energicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e recendia. Provou — e levantou para mim, seu camarada de miséria, uns olhos que brilharam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: — Está bom!

Estava precioso; tinha fígado e tinha moela; o seu perfume enternecia; três vezes, fervorosamente, ataquei aquele caldo.

— Também já volto! — exclamava Jacinto com uma convicção imensa. — É que estou com uma fome... Santo Deus! Há anos que não sinto esta fome.”

O senhor de Tormes elogiou tanto a comida, que fez seu caseiro diante pensar que o patrão passava fome em Paris:

“O bom caseiro sinceramente cria que, perdido nesses remotos Parises, o senhor de Tormes, longe da fartura de Tormes, padecia fome e minguava... E o meu Príncipe, na verdade, parecia saciar uma velhíssima fome e uma longa saudade da abundância, rompendo assim, a cada travessa, em louvores mais copiosos. Diante do louro frango assado no espeto e da salada que ele apetecera na horta, agora temperada com um azeite da serra digno dos lábios de Platão, terminou por bradar: — ‘É divino!’ Mas nada o entusiasmava como um vinho de Tormes, caindo do alto, da bojuda infusa verde — um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo. Mirando, à vela de sebo, o copo grosso que ele orlava de leve espuma rósea, o meu Príncipe, com um resplendor de otimismo na face, citou Virgílio:

— Quo te carmina dicam, Rethica? Quem dignamente te cantará, vinho amável destas serras?”

Terminada a refeição, Jacinto e Zé Fernandes passaram horas a olhar o céu, identificando os astros e estrelas que não conseguiam perceber na cidade. Algumas, inclusive, não se achavam nos tratados de Astronomia. Ficaram ali bastante tempo, envolvidos pela tranqüilidade da serra por grande sossego.

Vencidos pelo sono, os dois vão dormir, não sem antes Jacinto anunciar que partirá para Lisboa e lá se demorará até que as obras de Tormes se façam. Zé Fernandes diz ao amigo que partirá bem cedo para Guiães e de lá mandará roupa branca para que Jacinto possa trocar-se, a fim de pegar o trem para Lisboa à tarde. Promete-lhe também uma escova de dentes, uma esponja e água-de-colônia. Por último, anuncia que ficará no Hotel Bragança, em Lisboa.

No dia seguinte, Zé Fernandes parte de madrugada, sem acordar o amigo. Depois de uma semana, recebe as malas que se tinham extraviado e telegrafa a Jacinto, em Lisboa:

“Estás lá? Sei recuperaste Grilo e Civilização. Hurra, Abraço!”

Decorridos sete dias, Zé Fernandes repara que ainda não recebera resposta de Jacinto. Envia-lhe um bilhete postal:

“Estás lá? São os prazeres da Baixa que assim te tornam desatento e mudo? Eu, todo aspargos! Responde, quando chegas? Tempo delicioso! 23º à sombra. E os ossos?”

Mais uma vez, nenhuma resposta. Passados alguns mais dias, Zé Fernandes, de volta da casa de Joaninha, sua prima, pára na venda de Manuel Rico e é surpreendido, pelo sobrinho de Melchior, com a notícia de que Jacinto já estava em Tormes havia cinco semanas.

No domingo seguinte, vai a Tormes visitar o amigo e encontra-o completamente diferente: Jacinto havia mudado tanto no físico, quanto na alma e na mente. Era agora um homem sadio, corado, encorpado, um verdadeiro serrano:

“[...] Era o meu Príncipe. E muito decididamente, depois de me soltar do seu rijo abraço, o comparei a uma planta estiolada, emurchecida na escuridão, que, levada para o vento e sol, profusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a Natureza! Jacinto já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhou um rubor renovado que o virilizava soberbamente. Dos olhos, que na cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespara. E já não deslizava a mão desencantada sobre a face — mas batia com ela triunfalmente na coxa. Que sei? Era um Jacinto novíssimo.”

Jacinto havia realmente mudado, de corpo e alma. Tudo na nova vida lhe apetecia, renovava-se a cada descoberta. Não contente em assistir às novidades, fazia questão de participar de tudo, e logo lhe surgiam ideias novas, ligadas à propriedade: a produção de queijos, a construção de novos currais... Aproveitou a visita do amigo e fez o traslado dos ossos de seus antepassados. Era agora um homem ativo e felizmente inquieto, desejoso de realizar.

Um dia, viu uma criança fraca, franzina, que lhe pediu ajuda para a mãe agonizante e, a partir de então, dedicou-se a melhorar a vida das pessoas pobres da serra, a construir-lhes casas, fazer-lhes caridade, e tanto fez, que o povo começou a comentar que ele era D. Sebastião que voltava para ajudar Portugal.

Jacinto comparece ao aniversário da tia de Zé Fernandes, tia Vicência, e aí conhece os outros proprietários locais, seus vizinhos, que lhe parecem frios e hostis, o que o decepciona. Depois da ceia, o narrador entende a razão daquela frieza: eles haviam pensado que o senhor de Tormes era também miguelista como o avô Galião, e que pretendia reconduzir D. Miguel ao trono. Na realidade, todos esses equívocos se deviam, segundo Zé Fernandes pensava, à diferença abissal que havia entre a ignorância dos serranos e o conhecimento supercivilizado de Jacinto. A noite terminou sem muita animação e ameaçada por uma tempestade.

No dia seguinte, Jacinto acompanha o narrador em uma visita à prima deste, Joaninha, que não fora ao aniversário por ter o pai, Adrião, de cama. A caminho, os dois amigos conversam, e Zé Fernandes confessa que ainda espera por uma “Sebastiana”, uma mulher que o faça feliz:

— [...] Eu, todas as manhãs, mesmo sem ser de nevoeiro, espreito a ver se chega o meu. Ou antes a minha, porque eu espero uma D. Sebastiana... E tu, felizardo?

— Eu? Uma D. Sebastiana? Estou muito velho, Zé Fernandes... Sou o último Jacinto; Jacinto ponto final... Que casa é aquela com os dois torreões?

— A Flor da Malva.”

Haviam chegado, após hora de meia de viagem. Era ali a casa de Joaninha. São recebidos por um velho, Manuel da Porta, que, surdo, dá a entender que o tio Adrião melhorara. Joaninha chega depois, “corada do passeio e do vivo ar”, “lindamente risonha”: seria ela a nova senhora de Tormes:

“Foi assim que Jacinto, nessa tarde de setembro, na Flor da malva, viu aquela com quem casou em maio, na capelinha de azulejos, quando o pé de roseira se cobrira todo de rosas.”

Passam-se cinco anos: Jacinto “já não é o último Jacinto, Jacinto ponto final”: tinham, ele e Joaninha, dois filhos, Teresa e Jacinto. Mudara o “Príncipe” completamente:

“[...] E, pai de família, principiara a fazer-se monótono, pela perfeição da beleza moral, aquele homem tão pitoresco pela inquietação filosófica, e pelos variados tormentos da fantasia insaciável. Quando ele agora, bom sabedor das coisas da lavoura, percorria comigo a quinta, em sólidas palestras agrícolas, prudentes e sem quimeras — eu quase lamentava esse outro Jacinto que colhia uma teoria em cada ramo de árvore, e riscando o ar com a bengala, planeava queijeiras de cristal e porcelana, para fabricar queijinhos que custariam duzentos mil-réis cada um!

Também a paternidade lhe despertara a responsabilidade. Jacinto possuía agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscando a lápis, com falhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despesas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas.

Visitara já as suas propriedades de Montemos, da beira; e consertava, mobiliava as velhas casas dessas propriedades para que os seus filhos, crescidos, encontrassem ‘ninhos feitos’. Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilíbrio se estabelecera na alma do meu Príncipe, foi quando ele, já saído daquele primeiro e ardente fanatismo da Simplicidade — entreabriu a porta de Tormes à Civilização. Dois meses antes de nascer a Teresinha, [...] os famosos caixotes [...] chegavam. [...] mas os confortos mais complicados [...] foram, com surpresa minha, desviados para os sótãos imensos, para o pós da inutilidade; e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janelas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que ele suspirara, fossem mais lentos e suaves. [...]"

Mas a modernidade necessária chegaria a Tormes e região: Jacinto mandou instalar telefones entre as principais casas: do sogro, do médico, de Zé Fernandes. O equilíbrio chegara para Jacinto. Ou, como disse o fiel criado Grilo ao narrador:

“— Sua Ex^a. brotou!”

O tempo passou, e Jacinto não voltou a Paris, embora algumas vezes tivesse falado em levar Joaninha para conhecer o 202 e a civilização; por uma ou outra razão, a viagem era sempre adiada.

Mas José Fernandes, numa época em que “andava então sofrendo de desocupação”, acabou voltando à civilização: foi a Paris e lá, tendo-se sentido sozinho e enfasiado, concluiu que as pessoas eram, na realidade, uma porção de fantoches que levavam uma vida falsa, hipócrita, mesquinha.

Observando os antigos amigos e conhecidos, o narrador os considerou fracos, vazios e ociosos, meros agentes de seus próprios interesses. Não aguentou ficar em Paris e voltou para Portugal:

“Arrastei então por Paris dias de imenso tédio. Ao longo do Boulevard revii nas vitrinas todo o luxo, que já me enfartava havia cinco anos, sem uma graça nova, uma curta frescura de invenção. Nas livrarias, sem descobrir um livro, folheava centenas de volumes amarelos, onde, de cada página que ao acaso abria, se exalava um cheiro morno de alcova, e de pó-de-arroz, de entre linhas trabalhadas com efeminado arrebique, como rendas de camisas. Ao jantar, em qualquer restaurante, encontrava, ornando e disfarçando as carnes ou as aves, o mesmo molho, de cores e sabores de pomada, que já de manhã, noutro restaurante, espelhado e dourejado, me enjoara no peixe e nos legumes. Paguei por grossos preços garrafas do nosso rascante e rústico vinho de Torres, enobrecido com o título de Château-isto, Château-aquilo, e pó postigo no gargalo. À noite, nos teatros, encontrava a Cama, a costumada cama, como centro e único fim da vida, atraindo, mais fortemente que o monturo atrai os moscardos, todo um enxame de gentes, estonteadas, frementes de erotismo, zumbindo pilhérias senis. Esta sordidez da planície me levou a procurar melhor aragem de espírito nas alturas da Colina, em Montmartre; — e aí, no meio de uma multidão elegante de senhoras, de duquesas, de generais, de todo o alto pessoal da cidade, eu recebia, do alto do palco, grossos jorros de obscenidades, que faziam estremecer de gozo as orelhas cabeludas de gordos banqueiros, e arfar com delícia os corpetes de Worms e de Doucet, sobre os peitos postiços das nobres damas. E recolhia enjoado com tanto relento de alcova, vagamente dispéptico com os molhos de pomada do jantar, e sobretudo descontente comigo, por me não divertir, não compreender a cidade, e errar através dela e da sua civilização superior, com reserva ridícula de um censor, de um Cotão austero. Óh senhores!, pensava eu pois não me divertirei nesta deliciosa cidade? Entrara comigo o bolor da velhice?

[...]

Finalmente abalei uma tarde, depois de lançar da minha janela, sobre o Boulevard, as minhas despedidas à Cidade:

— Pois adeuzinho, até nunca mais! Na lama do teu vício e na poeira da tua vaidade, outra vez, não me pilhas! O que tens de bom, que é o teu gênio, elegante e claro, lá o receberei na Serra pelo correio. Adeuzinho!

[...]

Na tarde do seguinte domingo, debruçado da janela do comboio, [...] avistei, na plataforma da quieta estação da minha aldeia, os Senhores de Tormes, com a minha afilhada Teresa, muito vermelha, arregalando os seus soberbos olhos, e o bravo Jacintinho, que empunhava uma bandeira branca. O alvoroço ditoso com que abracei e beijei aquela tribo bem-amada conviria perfeitamente a quem voltasse vivo duma guerra distante, na Tartária. [...]

Jacinto, magnífico, de grande chapéu serrano e jaqueta, de novo me abraçou:

— E esse Paris?

— Medonho!

[...]

Em fila começamos a subir para a serra. A tarde adoçava o seu esplendor de Estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes de flores silvestres. [...]

E na verdade me parecia que, por aqueles caminhos, através da natureza campestre e mansa — o meu Príncipe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da Serra, a minha prima Joaninha, tão doce e risonha mãe, os dois primeiros representantes da sua abençoada tribo e eu — tão longe de amarguradas ilusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós, serenamente e seguramente subíamos — para o Castelo do Grã-Ventura!”

As personagens principais

- **Jacinto:** amigo do narrador, é o protagonista da narrativa, chamado por ele carinhosamente de “meu Príncipe”. Descendente de uma linhagem fidalga de jacintos, ao contrário do pai — que, doentio, morrerá antes de seu nascimento —, ele nasceu e cresceu forte e saudável, dono de uma inteligência e uma sede de conhecimento ímpar. Reforma seu palacete em Paris, o 202, a fim de revesti-lo e dotá-lo de todas as conquistas da civilização, mas vive entediado e aborrecido, nem apetite tem para suas sofisticadas refeições. Descobre a vida ao retornar à sua terra, Portugal, e ver-se privado de todo o conforto com sempre se cercara. Casa-se com Joaninha, uma serrana, tem dois filhos com ela e é feliz na serra portuguesa, longe de Paris.
 - **José Fernandes:** é o narrador em primeira pessoa, amigo de Jacinto. Português, não perdeu o apreço pelas coisas simples e verdadeiras da terra, embora se encante, às vezes, com o luxo da civilização na cidade grande. Assim como Jacinto, redescobre a felicidade ao voltar à serra portuguesa depois de uma última estada em Paris.
 - **Joaninha:** serrana simples, tem o encanto da mulher portuguesa dos campos: lindamente risonha, feliz e satisfeita, tem “luminosos olhos negros”, pele de um “esplendor branco” e cabelos de um “louro ondeado”. Casa-se com Jacinto e tem dois filhos com ele. Não sente atração por conhecer Paris, nem a mansão do marido e adia a viagem sempre que pode.
-

O foco narrativo

José Fernandes é o narrador em primeira pessoa, e tece comentários sobre o comportamento e as atitudes do protagonista, seu amigo Jacinto de Tormes, bem como sobre os desvarios da chamada civilização, valendo-se, muitas vezes, da ironia.

O tempo

Predomina o tempo cronológico, embora as digressões do narrador e suas considerações sobre o protagonista e suas atitudes imprimam o ritmo da narrativa.

O espaço

O espaço principal onde se desenvolve a ação é a mansão 202, de Jacinto, em Paris, e a própria cidade. Depois da viagem de Jacinto para Tormes, a serra, o ambiente campesino passa a ser o cenário da ação, opondo-se frontalmente à cidade, numa clara referência ao título do romance. Observa-se, neste ponto, a influência do meio sobre o comportamento da personagem: na cidade, em meio à civilização, Jacinto decai, deteriora-se; no campo, Portugal, enrijece, toma corpo, floresce.

O estilo

Afirmam Saraiva e Lopes, estudiosos portugueses, sobre Eça de Queirós:

"Um dos dois ou três grandes artistas que mais modelaram a língua portuguesa, e pode dizer-se que de suas mãos saíram a técnica e os paradigmas estilísticos ainda hoje correntes na nossa língua literária".

Eça depura a linguagem, tira-lhe as rebarbas, os excessos. Valoriza a carga semântica. Dá à palavra a exata medida de seu conteúdo. Eça de Queirós soube utilizar o adjetivo — que tantas vezes empobrece, avilta e aniquila o estilo — como recurso indispensável da expressão. Por ele — o adjetivo — constitui uma unidade semântica indecomponível com o substantivo.

Para Eça de Queirós o adjetivo é, também, ferramenta de aproximação entre a abstração e a concretude: ao valer-se do epíteto no nome abstrato, consegue efeito surpreendente, como se vê nas passagens seguintes, de *A cidade e as serras*, com grifos nossos:

“— Ó que serviço! Ó que canalhas!... Só em Espanha!... E agora? As malas perdidas!... Nem uma camisa, nem uma escova!”

“— Tens fome, Jacinto?

— Não, tenho horror, furor, rancor!... E tenho sono.”

“Acordei envolto num largo e doce silêncio. Era uma estação muito sossegada, muito varrida, com rosinhas brancas trepando pelas paredes [...]”

Eça destrói de vez — porque Garrett e Camilo já o haviam iniciado — a linguagem rançosa, empolada, artificial do Romantismo. Impregna-se o texto queirosiano de uma plasticidade admirável e perfeita.

Os processos descritivos espaciais, em Eça de Queirós, não são simples palcos em que se instalam os sujeitos do relato: integram o caráter, o perfil das personagens. Retorna-se ao aval de Saraiva e Lopes, que assim se manifestam:

"...há uma interação entre o ambiente físico e o homem, de modo que aquele se descreve em termos da percepção humana variável, conforme as personagens e seus estados."

Atividades

1. Na obra de Eça de Queirós, em questão, fica retratada uma parcela da sociedade de Lisboa. Que se retrata na obra?
2. "...densas sebes ondulando por colina e vale,..." Reescreva esse fragmento substituindo por sinônimos as palavras destacadas.
3. Houve um acidente que tornou o avô de Jacinto ardoroso defensor de D. Miguel. Esse episódio foi _____.
4. O tom solene da narrativa, a linguagem rebuscada, o galicismo (uso de palavras francesas) dão ao texto um sabor de _____.